

# A pessoa on-line corporalidades, identidades de gênero e subjetividades no ciberespaço Brasileiro.

## The person on-line subjectivities, embodiment and gender identities in the Brazilian cyberspace.

by Jean Segata

Doutorando em Antropologia Social. GrupCiber – Grupo de Pesquisas em Ciberantropologia.  
Universidade Federal de Santa Catarina.

### S U M M A R Y / R E S U M O

In this article, I do a brief exposition of some ways to research the constitution of the person in environments on-line. Born of dialogues between the Anthropology of the Person, the Psychology and the emergent Anthropology of Cyberspace, I think to do a reflection on “who we are that we are in constituting today in daily construction, evidence and appropriation of cyberspace”. Like an indicative text, these reflections only summarize notes and ideas of the research that I come in recent years doing in Psychology and the Anthropology, having as fieldwork the cyberspace.

No presente artigo, faço uma breve exposição de algumas pistas para se investigar a constituição da pessoa em ambientes on-line. Fruto de diálogos entre a Antropologia da Pessoa, a Psicologia e a emergente Antropologia do Ciberespaço, busco fazer uma reflexão sobre “quem somos nós que estamos nos constituindo na contemporaneidade, tendo em vista uma construção, evidência e apropriação cada vez mais cotidiana do ciberespaço”. De caráter indicativo, estas reflexões apenas resumem apontamentos e entrecruzamentos das pesquisas que venho fazendo nos últimos anos, na Psicologia e na Antropologia, tendo como campo o ciberespaço.

### A R T I C L E I N F O

#### *Keywords / Palavras-chave*

Cyberspace, Gender Identities, Embodiment, Subjectivities / Ciberespaço, Identidades de Gênero, Corporalidades, Subjetividades

#### *How to refer to this article*

Segata J., The person on-line subjectivities, embodiment and gender identities in the Brazilian cyberspace, 2007, Omertaa, Journal for Applied Anthropology, <http://www.omertaa.org/archive/omertaa0014.pdf>

### ***CONECTANDO... o mais profundo é a pele...***

Paul Valéry

Cada vez mais presente no cotidiano da vida das pessoas, o ciberespaço vem dinamizando a maneira como as pessoas vêm se constituindo e constituindo as suas redes de relações. Diferentemente do romance de ficção científica de Gibson (1984), ou ainda diferentemente das clássicas concepções de “realidade virtual”, ou “inteligência coletiva”, presentes nos primeiros estudos sócio-técnicos da internet que pareciam deslocar-lhe para uma realidade extra-“mundo offline”, pode-se hoje, empiricamente, perceber que esse ciberespaço parece muito mais para além das fronteiras online/offline; fronteiras aparentemente mais fluidas, mais porosas; duas realidades que já não apenas se complementam, mas que se misturam, se confundem em uma só realidade complexa.

É preciso lembrar que o advento das chamadas tecnologias digitais, tem trazido, além do computador, um sem-fim de novos instrumentos que estão sendo incorporados ao cotidiano das pessoas: os telefones celulares, os terminais de banco, os leitores ópticos de preços, as máquinas de cartão de crédito, os aparelhos hospitalares com cirurgia à distância, implementos agrícolas com uso de tecnologia via satélite, enfim, pode-se observar nas mais variadas sociedades e nos mais variados segmentos dessas sociedades, a apropriação cotidiana dessas tecnologias digitais – é o ciberespaço pelas ruas, as ruas pelo ciberespaço, se entrelaçando, participando entre si, se confundindo.

Especialmente no contexto brasileiro, a internet começa a surgir há pouco mais de uma década apenas, presente quase que apenas em grandes organizações, no Estado, ou instituições de ensino, sendo que é a partir dos anos de 1997 e 1998 que ela começa a fazer parte mais substancialmente do cotidiano dos brasileiros. Nos últimos três, ou quatro anos, com a popularização de acessos à internet por provedores “banda larga” pagos mensalmente, os computadores passam a ficar ligados à internet muito mais tempo por dia. Seja no lar, em suas atividades de lazer, nas conversas com amigos pelo msn, no uso de fotologs, de blogs, e-mails, ou compartilhando músicas em arquivos MP3, seja nos ambientes de trabalho, com operações financeiras, transferências de dados, preenchimentos de contratos, de notas fiscais, enfim, nas mais diferentes dimensões da vida social brasileira, o ciberespaço aparece cada vez mais presente como meio e espaço de constituição das pessoas e das suas relações sociais e é neste sentido que venho propor uma investigação da constituição da pessoa no ciberespaço. Neste sentido, ao longo do texto, de caráter de ensaio etnográfico, procuro fazer algumas aproximações entre algumas experiências de campo de minha pesquisa de mestrado, nas salas de bate-papo “Lésbicas e Afins” do portal UOL de internet e do orkut, com noções de performatividade, especialmente daquelas construídas nas teorias feministas e “pessoa fractal”, “pensamento cosmomórfico”, “divíduo” e “microcosmo”, das etnografias melanésias e ameríndias, tomadas como categorias úteis para se refletir sobre a construção da pessoa em ambientes on-line, neste caso, no ciberespaço brasileiro.

### ***Lésbicas e afins e o orkut: breves olhares***

Há cerca de vinte anos atrás, quando Nicholas Negroponte (1994), preocupado com as representações gráficas de pessoas na interface – onde as pessoas e os bits se encontram – perguntava-se “porque é tão difícil ‘ser digital’”? (NEGROPONTE, 1994, p. 89), acredito que ele não esperasse que

podéssemos realmente, “ser” no “mundo digital”, então, para fundamentar esse plano de estudos, quero dialogar mais do que com apenas a teoria, os campos os quais pesquisei no mestrado e que tenho dado continuidade no doutorado: as salas de bate-papo Lésbicas e Afins, do portal UOL de internet e o orkut.

Início pelas salas de bate-papo. As salas de bate-papo intituladas Lésbicas e Afins, do grupo Sexo, do portal UOL são salas cuja heterogeneidade é marcada pela participação não somente de sujeitos que se apresentam como “lésbicas”, ou “afins” como supõe a nomeação do espaço, mas pelo grande número de sujeitos que se apresentam como “homens”, como “mulheres não-lésbicas”, como “bi” e, que de alguma forma “aceitam” a possível identificação “lésbica” que a sala sugere – ou mesmo impõe – ao escolherem justamente estas salas como espaço para interação, dentre tantas que o portal UOL oferece para os seus usuários. Foram essas pistas que me levaram, durante minhas pesquisas anteriores, a começar a refletir sobre a descrição dos modos de apresentação dos sujeitos; da escolha das cores de fonte, os apelidos, uso de emoticons e fotos para a representação visual de si no ambiente e, as possíveis contradições entre estes modos de apresentação e representação em relação às suas vivências no ambiente. Em suma, eu procurava refletir sobre a possibilidade de utilização do ciberespaço, neste caso, especialmente as salas de bate-papo Lésbicas e Afins do portal UOL, como ambientes (e meios) alternativos de vivências que possibilitam a construção de subjetividades e identidades de gênero, que vão para além de um eu, vivências que contribuíssem para a constituição desses “seres” digitais no mundo-online.

Em um artigo intitulado *Fantasia de Poder e Fantasia de Identidade*, a antropóloga feminista Henrietta Moore (2000) escreve que há discursos e práticas discursivas que fornecem posições de sujeito, tão logo, não há um sujeito a ser posicionado, marcado; em outras palavras, não há um sujeito homogêneo e totalizável de uma única subjetividade:

[...] os indivíduos assumem uma variedade de posições de sujeito dentro de diferentes discursos. Entre outras coisas, isso significa que um sujeito singular não pode ser equivalente a um indivíduo singular. Indivíduos são sujeitos múltiplos constituídos, e podem assim assumir múltiplas posições de sujeito dentro de uma gama de discursos e práticas sociais. Algumas dessas posições de sujeito serão contraditórias e entrarão em conflito entre si (MOORE, 2000, p. 23-24). No caso das salas de bate-papo Lésbicas e Afins eu questionava se sua nomeação já não estaria de alguma forma construindo subjetividades nos sujeitos que

aceitam esta “imposição” que o ingresso nas salas supõe (ser Lésbica, ou, ao menos, “Afim”), além das cores das fontes, a escolha dos apelidos, enfim, tudo aquilo que poderia estar fazendo parte deste processo de construção de subjetividades nas salas de bate-papo. A heterogeneidade começa no sujeito, nas suas muitas e múltiplas subjetividades que poderiam estar emergindo neste processo que começaria, neste caso, desde a escolha do grupo Sexo, da escolha das salas Lésbicas e Afins, da escolha do apelido, das cores de fonte ou dos emoticons e fotos que identificam os sujeitos nestas salas de bate-papo, mais que isso, esses elementos – apelido, cor do apelido e fonte e uso de emoticons – formam uma espécie de matriz corporal onde se construirão, nos processos relacionais na sala, corporalidades, subjetividades e identidades de gênero. Em outro trabalho eu relatei uma experiência de alguns minutos nas salas onde logo em minha entrada senti que a escolha do apelido era algo que poderia me exigir um pouco mais de reflexão: os apelidos, mais do que um enunciado de palavras, funcionam na sala de bate-papo como uma espécie de corpo. Eu particularmente escolhi apenas\_olhando.

Tive minha intencionalidade: não queria para aquele momento um apelido que chamasse a atenção dos participantes para o bate-papo, a bem da verdade, fui bastante verdadeiro – entrei para apenas olhar, não queria falar com ninguém, apenas coletar um pouco de material para aquele trabalho. Entretanto, sei que a idéia de “não chamar atenção” é muito suspeita, como lembra Geertz (2003), na crítica ao mito do antropólogo camaleão, sustentado classicamente na obra malinowkiana, que se camufla entre os nativos: em meus pré-campos entrei em uma ocasião com apelido semelhante e com o passar do tempo eu era interpelado com dizeres do tipo “tá olhando pra mim?”, ou “tá gostando do que vê?”. De qualquer forma, procurei construir um “corpo feio”, que não despertasse o desejo de interpelação dos outros participantes. Em certa ocasião de meu pré-campo uma participante da sala Lésbicas e Afins disse, quando perguntei a ela sobre os motivos dos participantes insistirem em sair da sala e continuar a relação no msn, ela me disse que a sala de bate-papo é como uma festa, ou como estar na rua:

you enter, you see various people unknown inside of the same room, like in a “party”, they look at you, evaluate your beauty (read the nicknames), the way, the body, they encourage you, they approach you to talk, or flirt. The nicknames talk about the (the) people in the room, like a species of body itself – that is the importance of perceiving a large use of nicknames like “peitudinha”, “bundinha”, “tesudinha\_sp”, “safadinha-msn”, “loirinha-quer-sexo” or,

“molhadinha\_cam”, that much more than to talk about a body that you have, they give the impression of talking about a body that you desire – are bodies sustained by desire and fantasy mutually: a “peitudinha” can construct, for her, the body of the “loirinha”, while the “loirinha” can construct the body of the “peitudinha” – in sum, the body that you have for yourself, can not be the same as the other has, like in a pact of fantasies.

In the words of Campbell (2004), nicknames are the first impression that you have of the person when you enter the room – after evaluating the way, the body, you can be invited to talk, like in a “party”, according to my informant, “if you like, call for a song”. According to him, “the online nickname, however, can prove to be a profoundly personal aspect of an interactant’s identity on a given channel and needs to be treated with due care by the researcher” (CAMPBELL, 2004, p. 48). In his recent work, *Getting It On Online: cyberspace, gay male sexuality, and embodied identity*, Campbell (2004) makes an interesting ethnography in gay IRC channels, where he investigates the construction of identities from the lived experiences in the channels. For him, the possibility of constructing (body, subjectivity, identity) in cyberspace, for the participants of these channels, the possibility of breaking with these repressive structures of identities of gender, marked by heterosexuality matrices:

[...] the fact that in these virtual spaces we witness the exploration and expression of alternative modes of sexual practice (muscle worship, gaining) or new configurations of the sexual body (bodybuilders, musclebears, chubs) does not suggest that these individuals are emancipated from dominant power relations or that these individuals are not equally capable of reproducing repressive hierarchies. However, there is cause to argue that these alternative sexual constellations surrounding the body do indicate the constructedness and artificiality of binary understandings of sexual (male/female) and sexuality (heterosexual/homosexual), and therefore hold the potential of unsettling those “truths” fundamental to dominant power structures (CAMPBELL, 2004, p. 149).

Campbell (2004) makes his fieldwork in two channels, #gaymusclebears, and in #gaychub, and shows how gay muscular (musclebears) or gay obese (chubs) (#gaychub), have the opportunity to talk about their bodies and feel pleasures, desires, in short, live their sexuality from the self-image that they are, or that they can construct from their body through writing and interactions and relationships that they establish in the channel – according to him as

interações online dependem, e muito, desse corpo, seja ela representado graficamente, seja ele descrito por meio de palavras ou apelidos, ele é “a primary component of online identity” (ibid, p. 06). Segundo ele ainda, estes corpos, principalmente os construídos nos apelidos dos participantes, são especialmente orientados pela exploração da erotização das imagens dos corpos offline, que no caso de seu trabalho se referem aos corpos masculinos – “the body remains present in cyberspace because what we refer to as “the body” is at once a physical form and a discursive configuration apprehending the physical, and it is this discursive configuration that accompanies individual into these virtual environments and shapes online interaction” (id.), onde objetividade e subjetividade são elementos que carregam os apelidos: por um lado podem indicar os meus interesses na sala, por outro podem dar aspectos de meu corpo, meus traços físicos “reais”, ou daqueles que eu quero que outrem pense que eu tenha. Os apelidos, pode-se dizer são construídos em função da relação que espero do outro em relação a mim na sala, como eu quero que me vejam, como fazer para olharem para mim, entre tantas pessoas nesta festa e, mesmo que não se tenha tal intencionalidade, muitas vezes, parece que na relação o apelido para servir de mote para a construção de identidades de gênero e subjetividades dos sujeitos.

Essas muitas subjetividades dos sujeitos são abordadas pela socióloga, estudiosa francesa da comunicação, Francis Jauréguiberry (2000), em um artigo intitulado *Le Moi, Le Soi et Internet*, onde ela escreve que muitos papéis que não podem ser vivenciados em outras esferas da vida social, são vivenciados nas salas de bate-papo. Segundo ela, há uma espécie de realização de desejos que em outros espaços não são permitidos “ao eu”, e que ganhariam “vida” neste espaço: “selon cette perspective, Internet serait investi comme espace potentiel qui permettrait à l’individu de reconstruire la réalité par l’experimentation d’une illusion” (JAURÉGUIBERRY, 2000, p. 148). Esta reconstrução da realidade que possibilita a experimentação de um desejo, de uma pulsão, ou fantasia, Jauréguiberry chama de manipulação de si: “les ‘manipulation de soi’ à laquelle certains internautes se livrent en empruntant un sexe, âge, statut, etc. autre que le leur dans les forums de discussion ou dans les IRC se multiplient” (ibid, p. 150), que neste caso, poderia ser compreendida como esses processos de construção de subjetividades, que possibilitariam outras vivências, por meio de outros “eus” em outros espaços, mas que não deixariam de ser parte de um sujeito múltiplo, como já aponta Moore (2000): A noção do sujeito como lugar de subjetividades múltiplas

e potencialmente contraditórias é muito útil. Se a subjetividade for vista como singular, fixa e coerente, torna-se muito difícil explorar como os indivíduos constituem seu sentido de si mesmos – suas auto-representações como sujeitos – por referência a várias posições de sujeito frequentemente contraditórias entre si e não a uma posição singular de sujeito (MOORE, 2000, p. 23).

Apontando também para a possibilidade de construir-se multiplamente, entretanto, apontando mais para o caminho de investigar as construções de identidades em ambientes de jogos on-line (MUDs), está o trabalho de Sherry Turkle (1995), *Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet* para quem, mesmo as fantasias, as brincadeiras, ou mesmo aquilo que pode ser apontado pelos sujeitos como mentiras sobre si, negando tais vivências, na verdade podem estar construindo outros “eus”, outras identidades que de alguma forma fazem parte de um eu que elas são. Segundo Turkle, “the anonymity of MUDs – one is known on the MUD only by the name of one’s character or characters – gives people to express multiple and often unexplored aspects of the self, to play with their identity and to try out new ones. Muds make possible the creation of an identity so fluid and multiple that it strains limits of the notion” (TURKLE, 1995, p. 12). Turkle (1995) faz pensar na possibilidade de brincar com essas identidades fluidas e múltiplas. Em outro artigo, Depoimento a John Brockman, Sherry Turkle (1997), nessa mesma linha, também escreve:

Cada vez mais, vivemos em um mundo no qual você acorda como amante, toma café da manhã como mãe e dirige o seu carro para o trabalho como advogada. Em um mesmo dia, as pessoas passam por transições drásticas, e é evidente que desempenham múltiplas funções. [...] Na internet, você se vê atuando em sete janelas abertas na tela, assumindo literalmente diferentes personalidades em cada uma dessas sete janelas, tendo todos os tipos de relacionamentos, alternando e desempenhando todas as funções simultaneamente, deixando partes de si nessas diferentes janelas, nos programas que escreveu e que o representam enquanto você está em outra janela. Sua identidade é distribuída em uma série de janelas. Cada vez mais, a vida na tela também oferece uma janela para o que somos na vida fora da tela: somos pessoas que alternamos aspectos do eu (TURKLE, 1997, p. 264).

Em contraste ainda a esta idéia de Turkle (1995, 1997) de um “eu” que pode ser multiplicado, Judith Bultler (2004), filósofa feminista, ao falar das identidades de gênero performativamente construídas, aponta para a direção de que não haveria um “eu” ontologicamente construído que

preceda esses outros “eus”, já que no caso do gênero, “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (BUTLER, 2004, p. 45). Para Butler, em certo sentido não haveria um sujeito ontologicamente constituído que é multiplicado, não haveria um “eu essencial” que anteceda as relações, mesmo que em alguns momentos, esses sujeitos, pela exclusão de outros sujeitos não-autorizados, providenciem um sujeito ideal, que é construído na inter-relação de si, aproximando-se a categorias identitárias fixas que “tend to be instruments of regulatory regimes, whether as the normalizing categories of oppressive structures or as the rallying for a liberatory contestation of the very oppression” (BUTLER, 1991, p. 13-14), tão logo, esse sujeito idealizado, adequado a algum tipo de regime regulatório de identidade, o que fica muito próximo do que pode ser observado nos usos “dissimulados” de identidades como mulher, lésbica, bi que tende a promover uma adequação do usuário(a) das salas à algum regime identitário, já que ele necessita escolher entre algumas categorias identitárias às quais ele supõe compartilhar-se para ser aceito no espaço. É o que Butler (1991) chama de “sujeito nominal”, que faz uma totalização de um eu, de forma mais ou menos situacional:

To claim that this is what I am is to suggest a provisional totalization of this “I”. But if the I can so determine itself, then that which it excludes in order to make that determination remains constitutive of the determination itself. In other words, such a statement presupposes that the “I” exceeds its determination, and even produces that very excess in and by the act which seeks to exhaust the semantic field of that “I”. In the act which would disclose the true and full content of that “I”, a certain radical concealment is thereby produced (ibid, p. 15 – grifos no original).

Neste sentido, para Butler (1991), responder, por exemplo, aos campos apelido, cor, criando uma espécie de perfil, necessário ao ingresso nas salas, exige que se auto-determine os limites do campo semântico do “eu” – a própria palavra perfil, neste caso, aponta para este caminho; perfil diz respeito à descrição básica e concisa do contorno do corpo e, para Butler, o “eu” – e o corpo – não é algo que possa ser pensado em termos ontológicos, que possua substância ou essência, mas são sim processos performativamente constituídos em contextos diversos, que tendem a ser congelados quando se é interpelado, por exemplo, no “quem sou eu” – é preciso, para ela, em certa medida, que se invente alguns “eus” provisórios, que logo se diluem no processo, na relação.

Para Butler (1991, 2004)), em certo sentido, não haveria um sujeito ontologicamente constituído que é multiplicado (Turkle 1995, 1997), não haveria um “eu essencial ontologicamente constituído que preceda esses outros “eus” que são auto-representados (Moore, 2000), ou representados na vida cotidiana (Goffman, 1975).

À exemplo do que escreve Maffesoli (2001) em Sobre o Nomadismo, o sujeito “não existe a não ser na relação (nas relações)” (MAFFESOLI, 2001, p. 30), devendo a sua multiplicidade, às relações intersubjetivas nas redes de socialidade nas quais aventura-se errantemente – é outra lógica de viver, já bastante distante da idéia de drama, que antes mencionei, ao falar do mito fundador da modernidade: num olhar “pós-moderno”, estaria se vivendo de maneira cada vez mais trágica na contemporaneidade – e eu acrescentaria, especialmente no ciberespaço; são relações fugazes, vive-se intensamente a relação, vive-se intensamente algum tipo de corpo que se constrói, que se experiencia, e se chega ao fim – se nasce e se morre várias vezes em uma vida, em um ano, em um dia – eterno enquanto dure, dizia o poeta Vinicius de Moraes – paraíso é aqui-agora, não há mais a salvação no final, vive-se o presente . O que, também para o psicólogo González Rey (2003) reflete a complexidade dos sujeitos que vão processualmente se constituindo “com sentidos subjetivos de procedências diferentes, que se fazem presentes no espaço social dentro do qual se situa em seu momento atual de relação e ação” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 256), dando uma idéia de sujeito como algo contextual, que age, vive e se constitui em processos diferentes, em espaços diferentes, com corpos diversos, subjetividades diversas e identidades de gênero diversos – seres diversos.

Já o orkut, do qual tenho me ocupado atualmente, tem as suas especificidades em relação às salas de bate-papo: site, rede, ou comunidade, o fato é que de uma maneira mais ampla, o orkut é um lugar no ciberespaço, com as mais diversas possibilidades de construção de pessoa e espaços de socialidade. Especialmente pelo falta de campos conceituais bem definidos em relação às noção de pessoa, sujeito, subjetividade, ou corpo on-line; por ora, tomarei de empréstimo algumas concepções nativas sobre essas noções-objetos de investigação, da etnologia ameríndia e melanésia, vistas aqui, não como objetos de investigação, mas como categorias úteis para pesquisar a constituição da pessoa no ciberespaço.

Uma das primeiras pistas de investigação vem das clássicas concepções de “pensamento cosmomórfico” e “microcosmo” (Leenhardt, 1937, 1995, 1997) e “díviduo” (Strathern, 2006),

descritas nas etnografias melanésias. Segundo Leenhardt (1937, 1995, 1997), o pensamento melanésio não estabelecia distinções claras entre sujeito e objeto, entre o “eu” e a natureza circundante, entre os vivos e os mortos: se trataria de um pensamento em que, através do mito, os canaques experimentaríamos em seu interior a substância da natureza; a vida fluiria indistintamente através de corpos humanos, animais, vegetais, ou minerais constituindo um microcosmo (Recasens, 1997). Nas palavras de Leenhardt (1995) “el cos prenia part a totes les participacions mítiques. Els seus impulsos psíquics eren la conseqüència d’influències supranaturals, totèmiques o d’altres (LEENHARDT, 1995, p. 72). Isso vinha caracterizar o melanésio pela impossibilidade de separação e de individuação pura da pessoa, que só poderia acontecer em uma evasão do domínio sócio-mítico (microcosmo, “cos”), onde é manifestada a espontaneidade. A aparente inalcançável individuação da pessoa melanésia aconteceria segundo Leenhardt (1997), com a descoberta de um novo contorno: o corpo. Segundo ele, “el cuerpo intervenía en todas las participaciones míticas; sus impulsos psíquicos eran el resultado de influencias sobrenaturales, totémicas u otras; no tenía existencia propia ni nombre específico para ser designado; no era sino un sósten (LEENHARDT, 1997, p. 162). É com a idéia de corpo que se pode fazer uma discriminação entre o individual e o cósmico; “la persona s’allibera per fi del domini sociomític, al qual es trobava encarclada. El cos deixa de ser l’antic revestiment social sota el qual s’asfixiava la persona (LEENHARDT, op. cit., p. 72), sendo que assim, o corpo passa a circunscrever apenas o individual, compreendido daí então dentro de uma lógica ocidental que postulava a necessidade de uma passagem do pensamento mítico para o racional.

Estas noções de microcosmo, pensamento cosmomórfico e corpo canaques, parecem-me dar pistas interessantes para se pensar no valor da página pessoal de cada “usuário” do orkut: o fluxo fluido de relações que a entrecortam nos recados que cada um deixa e as “listas de amigos” e de “comunidades” que a compõe, mostram que essa página é constituída por um complexo emaranhado de relações, de fluxos de pessoas e espaços semelhantes a uma espécie de corpo que tenta circunscrever o individual de cada “usuário” do orkut de dentro de um microcosmo que ele mesmo vai compondo nas suas relações naquele espaço constituído pelos recados, pelos “amigos” e “comunidades”.

Da mesma forma a noção melanésia de “divíduo”, descrita por Strathern (2006), no qual “as pessoas são freqüentemente construídas como o lócus plural e composto das

relações que a produzem” (STRATHERN, 2006, p. 40-41), a pessoa singular no orkut, na página pessoal, pode ser imaginada como um microcosmo, a sua dualidade, singular-plural, está em um constante movimento de um estado para outro, circunstancialmente (ibid, p. 43). Segundo ainda Strathern (2006), o corpo melanésio é um microcosmo social “na medida em que toma a forma singular” (id. – grifos no original), o que apresentará a imagem de uma entidade simultaneamente como um todo e como holística. Esse corpo holístico, à moda da página pessoal de cada usuário do orkut, é composta pelas suas relações, que são dependentes da página pessoal (do corpo) para a sua visibilidade; como sugere Moore (1994, p. 32-33), há uma relação indissolúvel entre o eu, a identidade pessoal e a experiência, ou ainda, entre o microcosmo e a identidade individual.

Ainda no âmbito das etnografias clássicas, os trabalhos de Lévy-Bruhl (1957, 2003) também trazem algumas pistas interessantes para se pensar em uma investigação sobre a constituição do sujeito no orkut. Para Lévy-Bruhl (1957, 2003), no pensamento mítico tudo está de alguma forma ligada em uma aura afetual; nas suas palavras, “para esta mentalidad, bajo la diversidad de las formas que revisten los seres y los objetos em la tierra, em el aire y em el agua, existe y circula una misma realidad esencial, a la vez una y múltiple, material y espiritual (LÉVY-BRÜHL, 2003, p. 23); tudo está ligado na experiência, e neste caso, o simbólico não representa, ele é a coisa em si – a representação é a própria coisa: ao narrar a morte de um homem que é comido por um crocodilo em Lukanga, Lévy-Brühl (1957) descreve como os indígenas acreditam que o crocodilo em si é um animal inofensivo e, que ele somente devora alguém, quando enfeitado, tão logo, “el cocodrilo que comete un acto insólito y devora un hombre no puede ser un animal como los demás: es necesariamente el instrumento de un hechicero, o el hechicero mismo” (LÉVY-BRÜHL, 1957, p. 51) – não há, uma relação pragmática entre feitiço e morte, mas sim uma mística relacional onde símbolo, significado e objeto simbolizado se tornam um só – o crocodilo não está enfeitado, ele pode ser o próprio feiteiro. Como apontavam os participantes de minha pesquisa de mestrado, quando on-line, os seus “perfis” no orkut não era o símbolo que os representava naquele espaço, era, antes de tudo eles próprios ali presentes – não se trata então de “estar” on-line, mas sim de “ser” on-line – não se está falando em representação de corpo ou pessoa do usuário no orkut, fala-se em corpo e pessoa propriamente: “é” o usuário on-line. Tão logo, a demarcação de espaço on-line/off-line, não parece traduzir uma posição da pessoa – estar – mas sim, de constituição – ser – em um, ou outro espaço.

Entretanto, esse corpo e pessoa propriamente ditos aqui, não dizem respeito exatamente à substância, tida como algo físico, material, como aparece na maioria das discussões ontológicas: há sim uma espécie de corpo formado por uma não-substância verbal, ou simbólica – são relações e estratos de relações em uma espécie de corpo sem órgãos (Guattari & Deleuze, 2004). Mais que isso, em certo sentido, quando falo em romper com a idéia de substância do “ser”, eu me aproximo de noções de corpo e pessoa advindas do perspectivismo ameríndio.

Da mesma forma que as etnografias melanésias, trago para a reflexão a noção de perspectivismo ameríndio, não como objeto de investigação, mas como uma categoria útil para se pensar a constituição do sujeito no orkut. Segundo Viveiros de Castro (1992, 1996, 2002a, 2002b) “natureza” e “cultura” não designam províncias ontológicas, mas sim, contextos relacionais, pontos de vista, perspectivas móveis; assim, a partir da constatação de que alguns animais podem se ver como pessoas, está se postulando uma concepção “quase sempre associada à idéia de que a forma manifesta de cada espécie é um mero envelope (uma “roupa”) a esconder uma forma interna humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou certos seres transespecíficos, como os xamãs” (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 117). Assim, sugiro que possa se refletir sobre a possibilidade (não-essencialista/ontológica) de que as páginas pessoais poderiam se configurar como corpos-roupa, que “ganham vida” – preenchidos de humanidade – cada vez que se está on-line. Da mesma forma, a possibilidade de podermos, ao clicar sobre a foto do “usuário” nos perfis, (links das páginas pessoais), podermos entrar nas roupagens desses outros usuários, nos potencializaria, no orkut, sermos todos xamãs, criando campos intersubjetivos. Da mesma, forma, ainda sob a ótica da perspectiva, partindo da página pessoal de cada usuário, poderia dele se dizer uma “pessoa fractal” que não começa, nem acaba arbitrariamente. Lima (2005), ao descrever os modos de socialidade dos yudjá, das terras baixas da amazônia, sugere que esta pessoa fractal “não é um todo, não é um princípio de totalização, mas o que seccionamos e tratamos como ponto de referência em um certo campo relacional. Tampouco é uma parte, pois não se pode ser destacada de um todo” (LIMA, 2005, p. 121). Assim, a pessoa fractal, como as páginas pessoais no orkut se evidenciam por sua relação com as outras páginas do orkut; ela depende das relações externas, que são as próprias relações internas, como as outras páginas pessoais e espaços que a compõe.

## **DESCONECTANDO...**

Enfim, a partir dessas minhas primeiras experiências de investigação nas salas de bate-papo e, mais profundamente no orkut, atual campo de pesquisa no mestrado, proponho uma investigação pensando no ciberespaço brasileiro como um lugar alternativo para “ser”. Seja pensando na possibilidade de viver o que não se pode viver em outros espaços, facilitado pelo anonimato, seja pensando numa vivência de uma ética da estética, nos termos de grande parte da obra de Michel Maffesoli - aproveitando ao máximo o presente e o prazer, potencializando “novas formas de estar-junto e estar no mundo” (MAFFESOLI, 2005, p. 61), onde o ciberespaço abre espaço para se pensar em processos de construções e vivências de subjetividades e identidades de gênero e corporalidades, enfim de constituição de pessoas que em outros espaços da vida social e em outros tempos deveriam ser adequados a regimes hetero-normativos de identidades gênero – penso em espaços múltiplos para sujeitos múltiplos, inventando-se de mil maneiras (De Certeau, 2003) cotidianamente, muitas das quais, nas salas do Bate-Papo UOL, ou no orkut.

De toda forma, espero que esta breve reflexão aponte caminhos de investigação e possa vir a contribuir para que possamos tanto na clássica Antropologia da Pessoa, quanto na emergente Antropologia do Ciberespaço, na Psicologia, ou ainda em nossa vida cotidiana, pensar em modos de “ser” que possam “desontologizar” e “dessubstancializar” as tradicionais noções de um “eu” fixo, de uma corporalidade apenas material, de uma identidade de gênero fixa e permanente, de uma subjetividade ontologicamente constituída e que apenas se atualiza, ou ressignifica-se, para se pensar em corpos que não são apenas matéria, mas que são relação, com subjetividades no plural, efêmeras, ou duradouras; gendradas, ou polimorfos; sujeitos que são relação e não sujeitos que previamente são, para depois fazerem relações e assim, pensar nessa apropriação social do ciberespaço brasileiro como loci privilegiado de vivência dessa pluralidade dos sujeitos na contemporaneidade. “Ser” digital que se desvencilha-se da idéia de “ser” como alguma substância física, numa espécie de descorporificação – disembodyment – do “ser” (Csordas, 1994, 2002); “ser” que é “estar”, “ser” que não é substantivo – “ser” que é verbo, que é roupa não fixa, que é pessoa-verbo, não pessoa-substantivo: carne que se faz verbo.

**REFERÊNCIAS / BIBLIOGRÁFICAS**

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BRUNO, Fernanda. “Mediação e Interface: incursões tecnológicas nas fronteiras do corpo”. In: SILVA, D. F.; FRAGOSO, S. (orgs.). *Comunicação na Cibercultura*. São Leopoldo: UNISINOS, 2001, pp. 191-215.

BUTLER, Judith. “Imitation and Gender Insubordination”. In: FUSS, Diana. *Inside/Out: lesbian theories, gay theories*. New York & London: Routledge, 1991, pp. 13-31.

\_\_\_\_\_. “Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do ‘pós-modernismo’” In: PAGU, 11, 1998, pp. 11-42.

CAMPBELL, John Edward. *Getting it on Online: cyberspace, gay male sexuality and embodied identity*. New York: Harrington Park Press, 2004.

CSORDAS, T. *Embodiment and Experience: the existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *Body, Meaning, Healing: contemporary anthropology of religion*. California: Palgrave, 2002.

DANET, Brenda. “Text as Mask: gender, play, and performance on the internet”. In: JONES, Steve G. (ed.). *Cybersociety 2.0: revisiting computer-mediated communication and community*. London: SAGE Publications, 1998, p. 129.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

GIBSON, Willian. *Neuromancer*. New York: Ace Books, 1984.

GOFFMAN, Erwing. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

GUATTARI, F.; DELEUZE, G. “Como Criar para Si um Corpo sem Órgãos”. In: \_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia – Vol. 3*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

GUIMARÃES, JR. Mário J. L. *Vivendo no Palace: etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2000.

HALL, Edward. *A Dimensão Oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

JAUÉGUIBERRY, Francis. *Le Moi, Le Soi et Internet*. *Sociologie et Sociétés* (32), n. 2. Quebec, 2000.

KEPNER, James. *Body Process: a gestalt approach to working with the body in psychotherapy*. New York. Gestalt Institute of Cleveland press, 1987.

LEENHARDT, Maurice. “J’ai un Corps: le nom et la personnalité”. In: \_\_\_\_\_. *Gens de la Grande Terre*. Paris: Gallimard, 1937.

\_\_\_\_\_. *Do Kamo: la persona y el mito em el mundo melanesio*. Barcelona: Buenos Aires, 1997.

\_\_\_\_\_. *La Persona a les Societats Primitives*. Barcelona: Icaria, 1995.

LE MOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. “Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época”. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (org.). *Olhares Sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. “O ciberespaço como um passo metaevolutivo”. In: MARTINS, Francisco M.; SILVA, Juremir M. (orgs.). *A Genealogia do Virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2004, pp. 157-170.

\_\_\_\_\_. *O que virtual?*. 2.ed. São Paulo, Editora 34, 2005.

LÉVY-BRÜHL, Lucien. “Indiferencia de la Mentalidad Primitiva a las Causas Mediatas” In: \_\_\_\_\_. *La Mentalidad Primitiva*. Buenos Aires: Ediciones Lemienten, 1957, pp. 35-55.

- \_\_\_\_\_. El Alma Primitiva. Barcelona: Ediciones Península, 2003.
- LIMA, Tânia Stolze. Um Peixe Olhou para Mim: o povo Yudjá e a perspectiva. São Paulo: Unesp, 2005.
- LÓPEZ, Egleé. Noções de Corporalidade e Pessoa entre os Jodí. MANA 12(2): 359-388, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- \_\_\_\_\_. O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- \_\_\_\_\_. O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- McRAE, Shannon. "Flesh Made Word: sex, text and the Virtual Body". In: PORTER, David (ed.). Internet Culture. New York: Routledge, 1996, pp. 86.
- MAUSS, Marcel. "Uma Categoria do Espírito Humano: a noção de pessoa, a de 'eu'". In: \_\_\_\_\_. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MÁXIMO, Maria Elisa. Blogs: o Eu Encena, o Eu em Rede. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas. Tese de Doutorado. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2007.
- MOORE, Henrietta. A Passion for Difference: essays in anthropology and gender. Cambridge: Polity Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. Fantasias de Poder e Fantasias de Identidade: gênero, raça e violência. Cadernos Pagu (14) 2000, pp. 13-44.
- NEGROPONTE, Nicholas. A Vida Digital. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.
- RECASENS, Andreu. "Do Kamo: el redescubrimiento de un clásico de la antropología. In: \_\_\_\_\_. Do Kamo: la persona y el mito em el mundo melanesio. Barcelona: Buenos Aires, 1997.
- SEGATA, Jean. Na Fogueira On-Line: uma etnografia da construção de subjetividade e sociabilidade no cotidiano de trabalho dos professores da E. E. B. Regente Feijó de Lontras/SC. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Psicologia. Rio do Sul: UNIDAVI, 2004.
- \_\_\_\_\_. Além de um Eu: subjetividades e identidades de gênero nas salas de bate-papo Lésbicas e Afins do portal UOL de internet – algumas pistas. 25ª. Reunião Brasileira de Antropologia, 2006, 20pp.
- \_\_\_\_\_. Tempo de Religar: (re) encontrando a cidade de Lontras no orkut. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2007 (em fase final de escrita).
- SIMMEL, Georg. "La Aventura". In: \_\_\_\_\_. Cultura Femenina y Otros Ensayos. Barcelona: Alba Editorial, 1999, pp. 15-34.
- STRATHERN, Marilyn. O Gênero da Dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia. Campinas: Editora Unicamp, 2006.
- TUCHERMAN, Ieda. "Inventando Corpos". In: SILVA, D. F.; FRAGOSO, S. (orgs.). Comunicação na Cibercultura. São Leopoldo: UNISINOS, 2001, pp. 149-166.
- TURKLE, Sherry. Life on the Screen: identity in the age of the internet. New York: Simon & Schuster, 1995.
- \_\_\_\_\_. "Depoimento a John Brockman". In: BROCKMAN, John. Digerati: encontros com a elite digital. Rio de Janeiro: Campos, 1997, pp. 259-268. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Araweté: os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- \_\_\_\_\_. Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio. MANA 2(2): 115-144, 1996.
- \_\_\_\_\_. O Nativo Relativo. MANA 8(1): 113-148, 2002a.
- \_\_\_\_\_. "Perspectivismo e Multinaturalismo na América Indígena". In: \_\_\_\_\_. A Inconstância da Alma Selvagem: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002b, pp. 345-399.